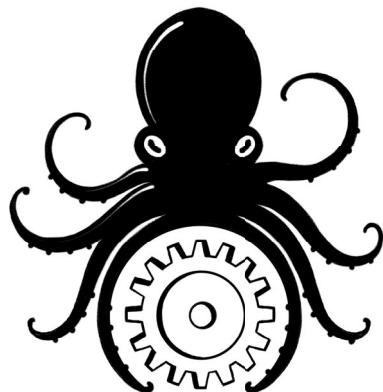


RICK RIORDAN

A FILHA DAS PROFUNDEZAS



A FILHA
DAS
PROFUNDEZAS



RICK RIORDAN

A FILHA
DAS
PROFUNDENAS

DAUGHTER OF THE DEEP

TRADUÇÃO DE GIU ALONSO E ULISSES TEIXEIRA



Copyright © 2021 by Rick Riordan

Copyright das ilustrações © 2021 by Lavanya Naidu

Publicado mediante acordo com Gallt & Zacker Literary Agency LLC.

A citação presente na epígrafe foi retirada de *20 mil léguas submarinas*, edição bolso de luxo publicada pela editora Zahar, em 2014, com tradução de André Telles.

TÍTULO ORIGINAL

Daughter of the Deep

PREPARAÇÃO

Marluce Faria

REVISÃO

Juliana Souza

PROJETO GRÁFICO

Joan Hill

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Henrique Diniz

ARTE DE CAPA

Lavanya Naidu

DESIGN DE CAPA

Joann Hill

LETTERING ORIGINAL DE CAPA

Russ Gray

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R452f

Riordan, Rick, 1964-

A filha das profundezas / Rick Riordan ; tradução Giu Alonso, Ulisses Teixeira ; prefácio Roshani Chokshi. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
336 p. ; 23 cm.

Tradução de: Daughter of the deep

ISBN 978-65-5560-108-4

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. I. Alonso, Giu. II. Teixeira, Ulisses. III. Chokshi, Roshani. IV. Título.

21-73009

CDD: 808.89928

CDU: 82-93(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

*Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.*

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400



A força criadora da natureza
prevalece sobre o instinto
destrutivo do homem.

— Júlio Verne,
Vinte mil léguas submarinas

PREFÁCIO

NÃO PEGUE UMA ESTRELA-DO-MAR PELO BRAÇO

Você sabia que mais de oitenta por cento do oceano continua inexplorado? OITENTA POR CENTO, GENTE! É bem possível que, neste exato momento, uma sereia e uma lula-gigante estejam dividindo um macarrão de macroalga, se perguntando quando a gente vai acordar e descobrir que Atlântida foi só um parque de diversões que deu terrivelmente errado. Quem sabe?

Ninguém pode afirmar com certeza, porque quase tudo no oceano é desconhecido. E eu morro de medo do desconhecido, então nem preciso dizer que morro de medo do oceano. Talvez isso tenha começado quando, aos dez anos de idade, peguei uma estrela-do-mar por um dos braços... e logo vi que estava segurando um único apêndice que não parava de se mexer. Na época, não sabia que os braços de uma estrela-do-mar podiam se regenerar. Achei que eu fosse uma assassina. Caí de joelhos e gritei de horror. (MALDITA SEJA MINHA PODEROSA FORÇA! TANTA INOCÊNCIA... DESTRUÍDA! SERÁ QUE ISSO SIGNIFICA QUE NUNCA MAIS PRECISO IR À ACADEMIA?)

Porém, quanto mais uma coisa me apavora, mais tendo a ficar obcecada por ela. E, desde esse encontro fatídico com a estrela-do-mar, o oceano, com seus estranhos habitantes — sim, estou falando de vocês, seus vários *equinodermos* e

ofiuros —, tomou conta da minha mente como um lugar de poder inacessível, beleza inimaginável e potencial inexplorado.

A filha das profundezas, de Rick Riordan, captura cada faceta desse encanto e terror.

Se você algum dia desejou uma história que vai fazer seu coração bater mais forte, que vai deixar seus pulmões sem ar por causa de inúmeras reviravoltas e que vai exaurir sua alma pelo esforço de carregar um elenco de personagens fofinhos, sagazes e talvez sanguinários (ah, e uma criatura imensa das profundezas que, na verdade, só quer ser amada), você vai encontrar tudo isso e muito mais nas páginas a seguir. Nossa história começa com duas escolas rivais e um evento cataclísmico que lança a turma de segundo ano da Academia Harding-Pencroft, uma instituição de elite, em uma missão mortal: desenterrar um segredo sobre uma tecnologia poderosa o bastante para revolucionar o mundo. Fiquei roendo as unhas enquanto a tripulação desbravava máquinas de última geração, enigmas do fundo do mar e o tipo de tática militar que, de alguma maneira, fez com que *eu* me sentisse mais esperta, apesar de ter passado a maior parte do dia enrolada no meu cobertor.

Não consigo pensar em capitã melhor para liderar essa aventura aquática do que a formidável Ana Dakkar. Ana é tudo que eu queria ter sido aos quinze anos. Corajosa, brilhante, uma gênio linguística, amiga de um golfinho chamado Sócrates e — o mais importante para a Rosh adolescente e sonhadora — forçada a carregar um legado ancestral lendário.

Ana é uma das últimas descendentes do capitão Nemo, e é aí que as coisas ficam complicadas. Como a última Dakkar, ela não apenas sofre para aceitar uma herança que pode mudar a visão do mundo sobre a tecnologia, mas também luta para compreender questões mais grandiosas, como: o que os outros devem a nós, e o que nós devemos aos outros? É fácil tomar as decisões certas quando o planeta inteiro está nos observando. No entanto, quando estamos no fundo do mar, onde nem o sol nos encontra, podemos fazer coisas que nunca nem imaginamos...

Para mim, essa história é como o oceano. Algo tão eletrizante quanto aterrorizante e, não importa como a encaremos, simplesmente incrível. Aproveite!

INTRODUÇÃO

Minha jornada submarina começou em 2008, em Bolonha, uma cidade italiana que não é banhada pelo mar. Eu estava lá para uma feira de literatura infantil, logo antes da data prevista para o lançamento de *A Batalha do Labirinto* e *The 39 Clues: O Labirinto dos Ossos*. Em um jantar no porão de um restaurante com uns catorze figurões da Disney Publishing, o presidente da divisão se virou para mim e perguntou: “Rick, tem alguma propriedade intelectual da Disney que você gostaria de usar como inspiração?” Eu não hesitei em responder: “*Vinte mil léguas submarinas*.” Levei mais doze anos antes de me sentir pronto para escrever este livro, mas minha versão dessa história agora está em suas mãos.



Quem é o capitão Nemo? (Não, não é o peixe do desenho animado.)

Se você não conhece o capitão Nemo original, ele é um personagem criado pelo autor francês Júlio Verne no século XIX. Verne escreveu sobre ele em dois livros, *Vinte mil léguas submarinas* (1870) e *A ilha misteriosa* (1875), nos quais Nemo comanda o submarino mais avançado do mundo, o *Náutilus*.

O capitão Nemo era esperto, culto, cortês e extremamente rico. Também era colérico, amargo e perigoso. Imagine uma combinação de Bruce Wayne,

Tony Stark e Lex Luthor. Antes conhecido como príncipe Dakkar, Nemo lutou contra o governo colonial britânico na Índia. Em retaliação, os britânicos mataram sua esposa e seus filhos. Essa era a história de origem do supervilão/super-herói Dakkar. Ele mudou seu nome para *Nemo*, que em latim significa *ninguém*. (Fãs de mitologia grega: esse era um *Easter egg* ou uma referência a Odisseu, que disse ao ciclope Polifemo que seu nome era Ninguém.) Nemo dedicou o resto de sua vida a aterrorizar as forças coloniais europeias em alto-mar, afundando e saqueando seus navios e fazendo-os temer o invencível “monstro marinho” que era o *Náutilus*.

Quem não gostaria de ter esse tipo de poder? Quando eu era criança, sempre que mergulhava em um lago ou até em uma piscina, gostava de fingir que era o capitão Nemo. Eu podia afundar navios inimigos impunemente, passear pelo mundo sem ser detectado, explorar profundezas nunca vistas, descobrir ruínas fabulosas e tesouros inestimáveis. Podia submergir para o meu reino secreto e nunca voltar ao mundo da superfície (que era meio horrível, de qualquer forma). Quando enfim escrevi sobre Percy Jackson, filho de Poseidon, pode apostar que meus antigos sonhos sobre o capitão Nemo e o *Náutilus* foram grande parte do motivo para que Percy fosse um semideus do mar.

Agora, sendo sincero, quando criança eu achava o ritmo dos livros de Júlio Verne muito lento. Mas gostava das edições ilustradas do meu tio, e adorava assistir à versão cinematográfica da Disney de *Vinte mil léguas submarinas* — mesmo as partes mais toscas em que o Kirk Douglas dançava e cantava, e a lula gigante de borracha atacava o submarino. Só quando fiquei mais velho me dei conta de como as histórias originais são ricas e complexas. Nemo era ainda mais interessante do que eu imaginava. E comecei a vislumbrar pequenas aberturas na narrativa, espaços deixados por Verne para possíveis sequências...



Por que o capitão Nemo ainda é importante?

Verne foi um dos primeiros escritores de ficção científica. No século XXI, pode ser difícil apreciar quanto suas ideias eram revolucionárias, mas Verne imaginou tecnologias que só viriam a existir centenas de anos depois.

Um submarino com propulsão própria que podia circum-navegar o mundo continuamente e nunca precisava atracar para se abastecer? Impossível! Em 1870, submarinos ainda eram invenções recentes que não inspiravam confiança — latas de sardinha perigosas que tinham mais chance de explodir e matar todo mundo a bordo do que de completar uma viagem em torno do planeta. Verne ainda escreveu livros como *A volta ao mundo em 80 dias*, numa época em que era impensável fazer essa viagem tão rápido, e *Viagem ao centro da Terra*, descrevendo um feito que ainda está muito distante da tecnologia humana, mas quem sabe um dia?

As melhores ficções científicas moldam a forma como seres humanos veem o futuro. Júlio Verne fez isso melhor do que qualquer outro. Lá atrás, no século XIX, sugeriu o que *poderia* ser possível, e os seres humanos responderam à altura. Quando as pessoas falam sobre a velocidade com que um avião ou navio consegue dar um giro pelo globo, ainda usam *A volta ao mundo em 80 dias* como referência. Em certo momento, oitenta dias era um período incrivelmente curto para circum-navegar o planeta. Hoje em dia, podemos fazer a mesma viagem em menos de oitenta horas de avião, e em menos de quarenta dias pelo mar.

O livro *Viagem ao centro da Terra* inspirou gerações de espeleólogos a explorar sistemas de cavernas e incentivou geoengenheiros a descobrir como as camadas da Terra funcionam.

O capitão Nemo, por outro lado, fez com que refletíssemos sobre a importância dos oceanos para o futuro do planeta. Sabemos que a maior parte da Terra é coberta por água e que oitenta por cento dos oceanos *ainda* está inexplorado. Descobrir como usar o poder do mar, e como viver *com* o poder do mar em face das mudanças climáticas, pode ser crucial para a sobrevivência humana. Verne anteviu tudo isso em seus livros.

Nemo e sua tripulação conseguem viver de forma autossuficiente sem jamais tocar terra firme. O mar dá conta de todas as suas necessidades. Em *Vinte mil léguas*, Nemo diz a Aronnax que o *Náutilus* é inteiramente elétrico e tira toda a sua energia do oceano. Em *A ilha misteriosa*, Cyrus Harding especula que, quando o carvão acabar, os humanos descobrirão como extrair energia do hidrogênio abundante do oceano. Esse *ainda* é um objetivo que

as pessoas estão tentando alcançar hoje, e é uma das razões pelas quais decidi que Nemo deve ter desvendado o segredo da fusão a frio.

Em *Vinte mil léguas*, a tripulação de Nemo usa armas elétricas de Leiden que são mais eficazes e elegantes do que armas normais. Eles têm uma riqueza quase ilimitada graças à pilhagem de muitos navios naufragados. Descobriram os segredos da agricultura subaquática, então comida nunca é um problema. E o mais importante: eles têm *liberdade*. São independentes das leis de qualquer nação, podendo ir e vir como bem entenderem. Respondem apenas a Nemo. Se isso é uma coisa boa ou ruim... acho que depende do que você pensa sobre Nemo!

A importância do mar, a importância de imaginar novos avanços tecnológicos — todas são grandes razões para ainda se ler Júlio Verne. Mas ainda há mais uma coisa fundamental a se considerar. Verne criou o capitão Nemo como um príncipe indiano cujo povo sofreu sob o colonialismo europeu. Seu personagem explora temas que continuam sendo tão relevantes hoje quanto eram na época vitoriana. Como encontrar voz e poder quando a sociedade nega esses privilégios? Como lutar contra a injustiça? Quem escreve os livros de história e decide quem são os “mocinhos” e os “bandidos”? Nemo é um fora da lei, um rebelde, um gênio, um cientista, um explorador, um pirata, um cavaleiro, um “arcanjo da vingança”. Ele é um cara complicado, o que o torna bem divertido de se ler. Eu era fascinado pela ideia de lançar seu legado para o século XXI e ver com o que seus descendentes estariam lidando tantos anos depois.

O que você faria se tivesse o poder do *Náutilus* sob seu comando? Espero que *A filha das profundezas* o inspire a pensar sobre suas próprias aventuras, assim como Júlio Verne me inspirou. Se prepare para mergulhar. Vamos fundo!



ACADEMIA HARDING-PENCROFT

CASA GOLFINHO

comunicação, exploração, criptografia, contrainteligência

CASA TUBARÃO

comando, combate, sistemas de armas, logística

CASA CEFALÓPODE

engenharia, mecânica aplicada, inovação, sistemas de defesa

CASA ORCA

medicina, psicologia, educação, biologia marinha, memória comunal

A TURMA DE SEGUNDO ANO DA HARDING-PENCROFT

GOLFINHO

Ana Dakkar, representante

Lee-Ann Best

Virgil Esparza

Halimah Nasser

Jack Wu

TUBARÃO

Gemini Twain, representante

Dru Cardenas

Cooper Dunne

Kiya Jensen

Eloise McManus

CEFALÓPODE

Tia Romero, representante

Robbie Barr

Nelinha da Silva

Meadow Newman

Kay Ramsay

ORCA

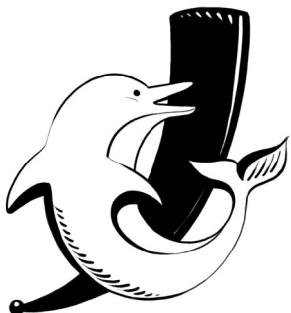
Franklin Couch, representante

Ester Harding

Linzi Huang

Rhys Morrow

Brigid Salter



CAPÍTULO 1

OS DIAS QUE DESTROEM a nossa vida têm uma coisa em comum.

Eles começam iguais a qualquer outro. Não percebemos que o nosso mundo está prestes a explodir em um milhão de pedacinhos horríveis até ser tarde demais.

Na última sexta-feira do meu segundo ano, acordo no dormitório às cinco da manhã, como sempre. Eu me levanto com cuidado para não incomodar minhas colegas de quarto, visto o biquíni e vou para o mar.

Adoro o campus de manhã cedo. No nascer do sol, as fachadas de concreto branco dos prédios ficam cor-de-rosa e turquesa. O gramado do pátio central está vazio, exceto por gaivotas e esquilos que continuam sua guerra eterna pelas migalhas que deixamos. O ar cheira a maresia, eucalipto e rolinhos de canela frescos assando no refeitório. A brisa fresca do sul da Califórnia me dá um arrepio nos braços e nas pernas. Em momentos assim, não acredito que tenho a sorte de estudar na Academia Harding-Pencroft.

Isso se eu sobreviver às provas do fim de semana, é claro. Posso ser carregada pelo mar de maneira humilhante, ou morrer embolada em uma rede no fundo de algum obstáculo submarino... Mas, ei, ainda é melhor do que fechar o período com cinco milhões de questões de múltipla escolha em uma prova padronizada.

Sigo o caminho de cascalho que leva até o mar.

A pouco menos de cem metros do prédio de guerra naval, os penhascos mergulham no Pacífico. Lá embaixo, espuma branca corta o mar azul-aço. Ondas ribombam e reverberam em torno da curva da baía, parecendo o ronco de um gigante.

Meu irmão Dev está me esperando na beira do penhasco.

— Está atrasada, Ana Banana.

Ele sabe que eu odeio esse apelido.

— Eu te empurro sem pensar duas vezes — ameaço.

— Bom, você pode tentar.

Quando Dev sorri, ele aperta um olho mais do que o outro, como se não conseguisse equalizar a pressão nos ouvidos. As meninas dizem que é fofo. Não tenho tanta certeza disso. Seu cabelo escuro é arrepiado na frente como um ouriço-do-mar. Ele fala que é seu “estilo”. Eu acho que é só porque ele dorme com um travesseiro na cara.

Como de costume, ele está usando sua roupa de mergulho preta da HP, com o brasão prateado dos Tubarões na frente, indicando sua casa. Dev acha que sou doida por mergulhar de biquíni. Em geral, ele é um cara durão. Mas, quando se trata de frio, ele é meio fracote.

Começamos nosso alongamento pré-mergulho. Esse é um dos poucos pontos na costa da Califórnia de onde podemos pular sem rachar a cabeça nas pedras. Os penhascos são íngremes e se lançam diretamente para as profundezas da baía.

É quieto e tranquilo a essa hora da manhã. Apesar das responsabilidades de Dev como capitão da casa, ele nunca está ocupado demais para o nosso ritual matutino. Eu amo isso nele.

— O que você trouxe hoje para o Sócrates? — pergunto.

Dev faz um gesto para o lado. Duas lulas mortas brilham no gramado. Por estar no último ano, Dev tem acesso ao estoque de comida do aquário. Isso significa que pode roubar uns presentinhos para o nosso amigo da baía. As lulas têm mais ou menos trinta centímetros da cauda aos tentáculos — melequentas, prateadas e marrons como alumínio enferrujado. *Loligo opalescens*. Lula-da-Califórnia. Tempo de vida: seis a nove meses.

Não consigo desligar o fluxo de informação. Nossa professora de biologia marinha, dra. Farez, nos treinou bem até demais. A gente aprende a decorar os detalhes porque tudo, literalmente *tudo*, cai nos testes dela.

Sócrates tem outro nome para as *Loligo opalescens*. Ele chama de café da manhã.

— Maneiro. — Pego as lulas, ainda geladas do freezer, e entrego uma para Dev. — Está pronto?

— Ei, antes de mergulhar... — A expressão dele fica séria. — Eu queria te dar uma coisa.

Não sei se ele está falando a verdade ou não, mas sempre caio nas distrações dele. Logo que prende a minha atenção, ele se vira e pula do penhasco.

Solto um palavrão.

— Ah, seu...

Quem larga na frente tem mais chance de encontrar Sócrates primeiro.

Inspiro fundo e pulo atrás dele.

Saltar de penhascos provoca uma sensação incrível. Caio de uma altura de dez andares, o vento e a adrenalina gritando nos meus ouvidos, então atravesso a água gelada.

O choque no meu sistema é bem-vindo: o frio repentino, o ardor do sal nos meus cortes e arranhões. (Se você não fica com cortes e arranhões quando estuda na HP, não está fazendo os exercícios de combate direito.)

Passo no meio de um cardume de cantarilhos-cobre — dezenas de brumantones plissados em laranja e branco, que parecem carpas punks. Mas o jeito marrento é só fachada, porque eles se dispersam imediatamente com uma explosão de EITA! Dez metros abaixo de mim, vejo o redemoinho cintilante de bolhas que Dev deixou para trás. Vou atrás dele.

Meu recorde de apneia estática é de cinco minutos. É óbvio que não consigo prender a respiração por tanto tempo quando estou me movendo, mas, mesmo assim, essa é minha especialidade. Na superfície, Dev tem a vantagem da força e da velocidade. Debaixo d'água, tenho a resistência e a agilidade. Pelo menos é o que o digo a mim mesma.

Meu irmão flutua sobre a areia do fundo do mar, as pernas cruzadas como se estivesse meditando há horas. Ele está escondendo a lula atrás das

costas, porque Sócrates apareceu e está cutucando seu peito como quem diz: *Anda logo, eu sei o que você trouxe para mim.*

Sócrates é um animal lindo. E não digo isso só porque minha casa é a Golfinho. Ele é um golfinho-nariz-de-garrafa macho e jovem, de quase três metros de comprimento, com a pele cinza-azulada e uma faixa escura proeminente na nadadeira dorsal. Eu sei que ele não está sorrindo *de verdade*. Sua boca comprida só tem esse formato. Mesmo assim, é absurdamente fofo.

Dev mostra a lula. Sócrates a arranca da mão dele e engole de uma vez só. Dev sorri para mim, uma bolha de ar escapando dos seus lábios. Sua expressão diz: *Haha, o golfinho gosta mais de mim.*

Ofereço a minha lula para Sócrates. Ele fica feliz da vida de repetir a refeição. Até me deixa fazer carinho na sua cabeça, que é lisa e retesada como um balão de água, e depois esfrego suas nadadeiras peitorais. (Golfinhos não resistem a um cafuné nas nadadeiras peitorais.)

Então Sócrates faz uma coisa que me pega de surpresa. Ele se agita, empurrando minha mão com o bico em um gesto que passei a ler como *Vamos!* ou *Rápido!* Então gira e nada para longe, a força de sua cauda empurrando a água contra o meu rosto.

Acompanho com os olhos até ele desaparecer na escuridão do mar. Espero seu retorno. Ele não volta.

Não consigo entender.

Em geral, Sócrates não come e foge. Gosta de brincar com a gente. Golfinhos são naturalmente sociáveis. Na maioria das vezes, ele nos acompanha até a superfície e pula por cima da nossa cabeça, ou brinca de esconde-esconde, ou nos bombardeia com estalos e guinchos que sempre parecem perguntas. Foi por isso que o batizamos de Sócrates. Ele nunca dá respostas — só faz perguntas.

Mas hoje ele parecia agitado... quase preocupado.

Pelo canto do olho, vejo a luz azul da grade de segurança se estender pela boca da baía — um padrão de losangos brilhantes com que já me acostumei nos últimos dois anos. Enquanto observo, as luzes piscam, se apagam e logo voltam a acender. Isso nunca tinha acontecido antes.

Olho para Dev. Ele não parece ter notado a mudança na grade. Então aponta para cima: *Aposto que chego primeiro.*

Ele bate as pernas em direção à superfície, me deixando em meio a uma nuvem de areia.

Não quero sair ainda. Estou curiosa para ver se as luzes vão se apagar de novo, ou se Sócrates vai voltar. Mas meus pulmões estão queimando. A contragosto, vou atrás de Dev.

Depois que nos encontramos na superfície e recupero o fôlego, pergunto se ele viu a grade piscar.

Ele estreita os olhos.

— Tem certeza de que você não estava só desmaiando?

Jogo água na cara dele.

— Estou falando sério. É melhor a gente falar com alguém.

Dev limpa a água dos olhos. Ainda parece cético.

Para ser sincera, nunca entendi por que temos uma barreira submarina de última geração na boca da baía. Sei que teoricamente ela está ali para proteger a vida marinha, impedindo a entrada de caçadores, mergulhadores hobbistas e gente do Instituto Land, nossa escola rival, que sempre tenta nos pregar alguma peça. Mesmo assim, parece exagero, até para uma escola que forma os melhores cientistas marinhos e cadetes navais. Não sei exatamente como a grade funciona. Mas *sei* que ela não deveria piscar.

Dev percebe que estou preocupada de verdade.

— Tudo bem — diz ele. — Pode deixar que eu relato o que você viu.

— E o Sócrates estava esquisito.

— Um golfinho estava esquisito. Tá, relato isso também.

— Eu poderia falar, mas, como você sempre diz, sou só uma aluna insignificante do segundo ano. Você é o grande e poderoso capitão da Casa Tubarão, então...

É sua vez de jogar água em mim.

— Se a conversa paranoica acabou, eu tenho *mesmo* uma coisa para te dar.

— Ele tira uma corrente brilhante do bolso de seu cinto de mergulho. — Feliz aniversário adiantado, Ana.

Ele me entrega o colar: uma pérola negra engastada em ouro. Levo um segundo para entender o que ele está me dando. Sinto um aperto no peito.

— É da mamãe? — Mal consigo dizer a palavra.

A pérola era a peça central da mangala sutra da mamãe, seu colar de casamento. Também é a única coisa dela que nos restou.

Dev sorri, embora seus olhos revelem uma melancolia familiar.

— Pedi para ajeitarem a pérola. Você vai fazer quinze anos semana que vem. Ela ia querer que você usasse.

É a coisa mais fofa que ele já fez por mim. Estou quase chorando.

— Mas... por que você não esperou até a semana que vem?

— Você parte hoje para fazer as provas do segundo ano. Queria que estivesse com a pérola para dar sorte. Só por via das dúvidas, né, para não correr o risco de passar vergonha.

Ele sabe mesmo como estragar um momento bonito.

— Ah, cala a boca.

Ele dá risada.

— Estou brincando, claro. Você vai mandar muito bem. Você sempre manda muito bem, Ana. Só tome cuidado, viu?

Sinto meu rosto corar. Não sei o que fazer com tanta afeição e tanto carinho.

— Bom... O colar é lindo. Obrigada.

— Disponha.

Ele encara o horizonte, um ar de preocupação nos olhos castanho-escuros. Talvez esteja pensando na grade de segurança, ou talvez esteja *de fato* nervoso com as minhas provas no fim de semana. Ou talvez esteja pensando no que aconteceu dois anos atrás, quando nossos pais voaram nesse horizonte pela última vez.

— Vamos. — Ele abre outro sorriso reconfortante, como fez tantas vezes por mim nos últimos anos. — A gente vai se atrasar para o café.

Sempre com fome, e sempre em movimento — o capitão perfeito dos Tubarões.

Meu irmão nada em direção à praia.

Olho para a pérola negra da minha mãe. O talismã que deveria lhe garantir vida longa e proteção contra o mal. Infelizmente para ela e para meu pai, a pérola não fez nem uma coisa nem outra. Observo o horizonte, me perguntando para onde Sócrates foi e o que ele estava tentando me dizer.

Então começo a nadar atrás de Dev, porque de repente não quero ficar sozinha na água.

Depois de nos encantar e nos fazer gargalhar com as façanhas e confusões de inúmeros deuses, semideuses e pobres mortais desavisados, o autor best-seller da série *Percy Jackson e os olimpianos* se lança em uma nova aventura, dessa vez no fundo do mar. Inspirado em *Vinte mil léguas submarinas*, clássico de Júlio Verne, Riordan nos conduz em uma viagem eletrizante até as profundezas do oceano.

Ainda em terra firme, conhecemos Ana Dakkar, uma das estudantes mais dedicadas da Academia Harding-Pencroft, uma escola que forma os melhores cientistas marinhos, guerreiros navais, navegadores e exploradores submarinos do mundo. Seus pais morreram em uma expedição científica dois anos antes, e a única família que lhe restou foi o irmão mais velho, Dev.

A jovem e os demais alunos de sua turma se preparam para uma prova final importante e secreta. Ana tem muitas expectativas para a atividade, que vão por água abaixo quando testemunha uma terrível tragédia que mudará para sempre sua vida e a de seus amigos. Para piorar, a escola rival, o Instituto Land, está determinada a transformar os alunos da Harding-Pencroft em comida de peixe. Animador, não?

Correndo contra o tempo, contra inimigos ameaçadores e contra as próprias inseguranças, Ana descobre ser herdeira de um legado ancestral lendário, e precisará liderar uma missão mortal para salvar seus companheiros e o lugar que aprendeu a chamar de lar.

Com uma trama que reúne mistério, aventura, personagens apaixonantes e diversas referências à obra de Júlio Verne, *A filha das profundezas* é uma história imperdível sobre família, amizade e coragem, trazendo o olhar único de Rick Riordan sobre os erros e acertos daqueles que vieram antes de nós.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1112/